

Historiografia da imigração polonesa: entre números e identidades

REGINA WEBER*

O problema dos números e das identidades

A existência de estados territoriais, com limites definidos e língua nacional padronizada, tende a facilitar os estudos sobre imigração, pois aumenta a probabilidade de haver sobreposição entre os registros oficiais de entrada de estrangeiros e as identidades nacionais destes indivíduos. As identidades nacionais e raciais tendem contemporaneamente a serem associadas, nas representações do senso comum, com as identidades étnicas, mas as delimitações étnicas, como se sabe, são muito mais complexas. A situação é ainda mais intrincada no caso da Polônia. Unificada à Lituânia, tornou-se, no século XVI, a maior e mais rica potência do leste europeu; contudo, a poderosa nobreza polaca, a *szlachta*, frustrou a construção de um estado absolutista centralizado e a Polônia passou a ser, a partir do final do século XVIII, um país cuja partilha resolvia os conflitos de poderosos estados vizinhos, principalmente a Prússia e a Rússia. Esta condição histórica deixa os estudiosos da imigração polonesa dos séculos XIX e XX com a espinhosa tarefa de distinguir entre poloneses, lituanos, pomeranos, ucranianos, rutenos e eslavos, além de sondar, entre os números dos imigrantes alemães, russos e de outros grupos, quais correspondem a imigrantes etnicamente poloneses.

Edmundo Gardolinski (1956, p. 5-8), um dos pioneiros no estudo da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, realiza, na década de 1950, um convincente questionamento dos registros oficiais, que indicariam um número pouco expressivo de poloneses entrados no estado entre 1885-1927 (aproximadamente 24 mil), elencando vários argumentos: 1) poderiam ser constituídas de poloneses as populações procedentes da Pomerânia e Silésia, regiões anexadas pela Alemanha; 2) o elevado número de russos das estatísticas oficiais, que não encontram correspondência em manifestações de cultura russa, associado à observação, do próprio Gardolinski, da

* Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS.

presença de falantes de ucranianos e rutenos (bialoruski) indicaria a existência de poloneses; 3) muitos “austríacos” são poloneses procedentes da monarquia austro-húngara. O próprio pai do autor, Marian Gardolinski, veio ao Brasil como funcionário do Consulado Austríaco no Rio e, em 1912 foi enviado ao Paraná para acompanhar levadas de agricultores (GARDOLINSKI, 1956, p. 19).

Pesquisas mais recentes podem contribuir com as discussões não apenas porque lançam mão de novos documentos, mas também porque situam de modo mais complexo o problema das definições identitárias. Discussões contemporâneas sobre identidade como categoria de auto-atribuição (BARTH, 2000), se, por um lado, auxiliam na interpretação do fenômeno, por outro deixam o historiador na incômoda posição de ser árbitro de uma identidade em situações nas quais não é possível interrogar aqueles a quem é atribuída esta identidade. Seja com dados de fontes inéditas, seja pela pesquisa de expressões identitárias contemporâneas através da história oral, os novos estudos têm, entretanto, ao afirmar identidades regionais antes subsumidas, tornado mais complexo o que seja “polonês”. Nem alemães, nem poloneses, os descendentes de imigrantes provenientes da antiga Pomerânia, que se instalaram no extremo sul do Brasil no século XIX, por intermédio de um “prussiano”, e longamente associados aos alemães, estão agora se definindo como “pomeranos” (WEBER, BOSENBECKER, 2010). Já outros indivíduos, católicos que emigram da Pomerânia dominada pelos alemães, são considerados como “poloneses” (PYZIK, 1944, p. 303; WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 357).

"Rutenos" ou "ucranianos" são as denominações de Guérios (2008) para os imigrantes que se instalaram em Prudentópolis no Paraná no final do século XIX, originários da Galícia, área de disputa entre o Império Austro-Húngaro e o Império Russo. O grupo estudado por Guérios tem marcas corporificadas de uma memória ucraniana (praça com estátua de poeta nacionalista ucraniano, igrejas com rito católico oriental e cúpulas bizantinas). Desenvolvendo sua pesquisa com método antropológico, utilizando tanto documentos escritos, redigidos em ucraniano, quanto relatos orais, Guérios recorre a historiadores e deduz que havia uma diferenciação de classe com recorte étnico: enquanto os nobres falavam a língua polonesa e professavam o rito Latino da Igreja Católica Romana, os estratos dominados mantinham a língua de origem e filiação à Igreja Ortodoxa, o que deu origem, no século XVIII, à denominação

“rutenos” para identificar estes servos. A identificação “ucranianos” é derivada dos movimentos nacionalistas do pós-Primeira Guerra Mundial, quando líderes nacionalistas reivindicavam a independência do território sob o nome de “Ucrânia”. Também Gardolinski (1956, p. 6, 18) utiliza um critério religioso para identificar rutenos como poloneses ou como “um grupo étnico à parte”. Já os imigrantes provenientes da Galitzia oriental para a Argentina no século XIX, sejam camponeses, militares ou profissionais liberais, são considerados “poloneses” por Pyzik (1944, p. 261, 269, 281). Em suma, para pesquisas de recorte histórico, a definição étnica, em termos quantitativos, raramente é possível, pois faltam dados que permitam quantificações.

O quão difícil se torna o trabalho do historiador que precisa lidar tanto com um instável quadro geopolítico da sociedade de origem quanto com as formulações e reformulações identitárias na sociedade de acolhida, é demonstrado pelo estudo de Alexandre Fortes (2004) sobre os trabalhadores de Porto Alegre no período Vargas. Evitando tanto a identificação dos registros oficiais, que operavam com o critério da nacionalidade definida, sobretudo, pelo passaporte, quanto a exo-atribuição de “polacos”, termo homogeneizante que simplificava aos olhos exteriores um quadro multiétnico cuja diversidade era de difícil apreensão, Fortes (2004, p. 127) tenta, a partir de registros dispersos e depoimentos, resgatar como os próprios imigrantes viam a si próprios. Se uma parcela destes operários denominados “polacos” efetivamente era constituída por indivíduos que se identificavam como “poloneses”, por outro lado, os registros, que trazem a luz dados de auto-identificação, de duas associações compostas por ucranianos e bielo-russos, que existiram durante as décadas 1930 e 1940, mostram que se tratavam de imigrantes provenientes da porções ocidentais da Galitzia e Bielo-Rússia, dominadas pela Polônia, que não se identificavam como “poloneses” (FORTES, 2004, p. 156-158).

Estas pesquisas contemporâneas têm, portanto, comprovado as modernas teorias sobre identidade étnica, que afirmam que as representações identitárias estão sujeitas a constantes reelaborações e que tanto as características e motivações internas do grupo, quanto o contexto envolvente atuam como fatores destas formulações.

Entidades, líderes e relatos

As produções textuais anteriores ao surgimento dos modernos estudos acadêmicos e as instituições no âmbito do qual elas emergiram influenciam de dois modos a produção posterior: a) produzem preciosas fontes de pesquisa, principalmente se o pesquisador domina a língua na qual estão escritas; b) constituem a base cultural sobre a qual se assenta o trabalho dos intelectuais contemporâneos. Descendentes de imigrantes e imigrantes mais aquinhoados de levadas posteriores encontram um espaço de atuação intelectual já constituído a partir do qual se projetam.

Já nas primeiras décadas de sua presença no Rio Grande do Sul, os poloneses deram origem a publicações direcionadas para seu próprio grupo, quase sempre vinculadas a associações que buscavam congregar os imigrantes. O mais antigo almanaque polonês foi o *Kalendarz Polski*, que teve duas edições, uma em 1896 e outra em 1898, ano em que surgiu a primeira associação de poloneses em Porto Alegre. A atual Sociedade Polônia é resultado de uma fusão de várias entidades em 1931. Também em 1896 os imigrantes que chegaram à cidade portuária de Rio Grande fundaram a 1ª Sociedade Recreativa e Beneficente, denominada “Água Branca” e, em 1905, o periódico “Avante” (*Naprzód*), considerado o primeiro jornal em língua polonesa editado no Rio Grande do Sul (GARDOLINSKI, 1956, p. 29). A organização dos poloneses na região de Ijuí é bem conhecida pelo registro do Pe. Cuber, pároco a partir de 1896, que, além de organizador da capela e da escola polonesas, colaborou na edição de dois jornais direcionados para a comunidade polonesa, o *Kolonista* (1909-1910) e o *Kolonista Polski* (1914-1915). Em Guarani das Missões, próximo à fronteira com a Argentina, um professor de química, que ali chegou em 1916, fundou e dirigiu uma orquestra e também o jornal *Tygodnik Zwiaskowy*, órgão da União Nacional Polonesa na América do Sul, que lutava pela independência da Polônia (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 146). A partir de Guarani, os poloneses emigraram para a Província de Missiones na Argentina, durante a revolução de Prestes na década de vinte.¹ Buscando congregar todas estas colônias, houve esforços no sentido de articular as sociedades de Missiones, Guarani e Ijuí (GARDOLINSKI, 1956, p. 84). Os

¹ Uma corrente migratória agrícola se instalou em Missiones a partir de 1897, onde, além da agricultura, desenvolveram atividades pecuárias, comerciais e industriais (PYZIK, 1944, p. 278, 321).

imigrantes poloneses da região das Missões (Guarani, Santa Rosa) são reconhecidos pelo incentivo da cultura da soja e as relações do agrônomo polonês Biesanko, radicado em Pelotas, com os colonos da região a partir da década de 1930 foram fundamentais para o aperfeiçoamento técnico do plantio e da industrialização da soja (GARDOLINSKI, 1956, p. 87; WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 36).

Os imigrantes que se instalaram a partir de 1890 nas áreas ocupadas desde 1875 por italianos, região de Caxias do Sul e municípios vizinhos, por não se adaptarem ao relevo acidentado e por escassez de terras (STAWINSKI, 1976, p. 14), venderam ou abandonaram seus lotes e emigraram para região de Erechim a partir da segunda década do século XX. Os empreendimentos associativos iniciais mais expressivos dos poloneses nessa região foram educacionais, contando para tanto com o apoio de instituições da Polônia que forneciam material didático; sociedades culturais, recreativas e beneficentes foram surgindo e em 1930 já somavam três dezenas (GARDOLINSKI, 1956, p. 63, 67). Esta espécie de “êxodo” para o norte do Estado por parte das primeiras levadas de imigrantes poloneses influenciou a historiografia da imigração polonesa, como se verá abaixo.

Entre os primeiros intelectuais que buscaram dar uma visão de conjunto da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, o mais notável foi Gardolinski, que nasceu no Paraná e instalou-se em Porto Alegre em 1941 como responsável pela construção da vila operária do IAPI. Em seu texto de 1956, o qual contém notações sobre a origem das informações que agregava e ainda é um referencial aos estudiosos do tema, enfatizou que não é “escritor ou historiador, mas simplesmente engenheiro civil” (GARDOLINSKI, 1956, p. 103).

Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul (STAWINSKI, 1976) é uma obra que justapõe relatos memorialísticos com análises que seguem padrão acadêmico, o que reflete a trajetória de Stawinski sempre dividida entre “atividades apostólicas e culturais”, tendo ocupado cargos de docente, diretor de escola, reitor em várias cidades, como Veranópolis e Porto Alegre. A partir de 1971 tornou-se diretor do Instituto Histórico dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul (COSTA, 1976, p. 7). Algumas interpretações acerca da imigração polonesa, presentes em obras mais recentes, já estavam neste texto.

A antiguidade e a expressividade da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul parece não ter reflexo numa produção textual, tal como ocorre, por exemplo, com os estudos sobre os judeus, um grupo de imigração mais recente. A produção acadêmica mais recente, assim como vários estudos monográficos, é de autoria de intelectuais oriundos da região de colonização mais recente, a área que correspondia ao antigo município de Erechim, e é ali também que se localiza uma instituição universitária com iniciativas voltadas aos descendentes de imigrantes poloneses e onde trabalham ou trabalharam vários estudiosos da imigração polonesa, a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

O trabalho veterano desta produção acadêmica mais recente é de Bernardete Popoaski, que titulou-se em 1998 em uma instituição universitária da Polônia, a Universidade Jagelônica da Cracóvia, com pesquisa na área de Pedagogia sobre a arte da emigração polonesa no Brasil.² Mais recentemente, em 2002, em Programas de Pós-Graduação em História do Rio Grande do Sul, foram defendidas uma dissertação na Universidade de Passo Fundo (WENCZENOVICZ, 2002) e uma tese de doutorado na Pontífice Universidade Católica do Rio Grande Sul (GRITTI, 2004); nesta instituição, alguns anos depois, foi realizada a tese de doutorado de Thaís Wenczenovicz (2007).

A tese de doutoramento de Isabel Gritti, que inaugura as pesquisas acadêmicas contemporâneas sobre a imigração polonesa, é um estudo de imigração no sentido clássico do termo com todos os elementos das modernas teses de cursos de pós-graduação. Acompanhando métodos que se tornaram mais familiares aos historiadores, Gritti utiliza fontes, como processos-crime, que até então pouco haviam sido utilizadas como fonte na pesquisa da imigração polonesa no sul do país. Thaís Wenczenovicz, tanto em sua dissertação quanto em sua tese de doutoramento, privilegia a região das novas colônias que se instalaram na região de Erechim, analisando um núcleo específico, a localidade de Áurea, que tornou-se município em 1988. O recorte dos estudos é o período de 1910-1945 e, utilizando tanto depoimentos orais como documentos oficiais e religiosos (livro-tombo, livro de óbitos, livro de registros de batizados, lajes fúnebres), a autora busca resgatar as razões da imigração para o Brasil;

² Uma versão em português deste trabalho está em Popoaski, 1999.

as manifestações deste núcleo colonial no que tange à identidade, à educação e à posse da terra; os cuidados com a saúde e com o corpo; os temas de doenças e mortes das primeiras levas de imigrantes.

Visão em perspectiva da historiografia da imigração polonesa

Muitos textos sobre os poloneses no Rio Grande do Sul recorrentemente afirmam ser escassa a produção sobre o assunto, não raro associando o fato a imagens preconceituosas sobre esse grupo. Esta visão da produção historiográfica tem paralelos na visão da própria corrente imigratória polonesa, sempre comparada aos congêneres alemães e italianos³, destacando-se nos poloneses, principalmente, a vocação agrícola. Sem negar o papel de tais fatores, pretende-se relativizá-los e sugerir enfoques alternativos, sempre considerando o contexto interétnico. Por sua influência na produção historiográfica, são analisados abaixo: 1) o peso da tardia instalação dos imigrantes poloneses em áreas específicas, que, por sua vez, retardou o aparecimento de uma camada de empresários urbanos oriundos dos grupos imigrantes poloneses 2) e de uma camada de intelectuais de classe média de ascendência polonesa; 3) as dificuldades do governo polonês, exilado fora de seu país, para amparar e promover as comunidades polonesas emigradas e 4) o peso dos judeus étnicos no contingente dos poloneses.

O fato de terem chegado depois de outros grupos de imigrantes, já bastante acentuado pela historiografia, deve ser visto não apenas pela má qualidade das terras que lhes foram destinadas ou que lhes restaram, mas também pelo fato de que postos-chave da pequena economia local, como intermediários comerciais e pequenos fabricantes, já estavam em mãos de outros grupos. Sem questionar os dados que informam que parcela majoritária dos imigrantes poloneses era composta por agricultores pobres, não se pode, em função disto, supor uma entranhada “vocação agrícola”. Os indivíduos e os grupos sociais se movem em função das possibilidades que têm diante de si, que são sempre limitadas pelos interesses dos outros grupos. Os

³ Este enquadramento é tributário do que foi denominado “representação trinarria” (Weber, 2002) da imigração européia para o Rio Grande do Sul, que postula que existiram três grandes correntes, alemães, italianos e poloneses. Esta imagem deve-se não apenas aos registros oficiais, mas à visão de fora dos imigrantes, que, como toda visão externa, tende a simplificar a complexidade, o que, na teoria da etnicidade, se denomina “visões englobantes” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 144).

poloneses, numa estratégia que pode ser considerada “lógica” do ponto de vista econômico, buscaram na reemigração um modo de se instalarem como “senhores” de um espaço, além de resolverem o problema da falta de lotes para os numerosos filhos que estavam se tornando adultos. Entretanto, estes contínuos deslocamentos em busca de melhores espaços, que culminaram na marcha para o norte, ou para a “Nova Polônia”,⁴ acarretaram um adiamento da constituição de núcleos urbanos e estabelecimentos empresariais, particularmente industriais, o que tem influência, como se verá abaixo, na formação de uma camada de intelectuais “étnicos”.

O enfoque comparativo, a partir dos casos de outros grupos imigrantes para o Rio Grande do sul, pode nos sugerir observar outros fatores: o peso da imigração urbana e o papel do Estado de origem na promoção das comunidades emigradas. Assim como a historiografia nos mostra que a imigração urbana de alemães, que se estabeleceram em Porto Alegre, teve um expressivo papel na comercialização e industrialização dos produtos coloniais das áreas de imigração alemã, assim também a pioneira industrialização do óleo de soja na região das Missões contou com tecnologia difundida por Ceslau Biesanko, que já emigrou da Polônia em 1930 como professor universitário e cientista. Esta espécie de transferência de tecnologia para conterrâneos teve um papel significativo na formação do empresariado teuto-brasileiro no sul do país e dependeu, em parte, da crescente força política e econômica da Alemanha.

Se a promoção de identidades étnicas para além do próprio grupo depende, via de regra, de camadas urbanas intelectualizadas (NÚÑEZ SEIXAS, 2006), e se o processo de urbanização dos núcleos ocupados por imigrantes poloneses foi mais tardio, quando comparado aos casos alemão e italiano, pode-se deduzir que também foi posterior o surgimento de intelectuais laicos ou religiosos empenhados na liderança de seu grupo étnico. Nem todos os que escrevem sobre núcleos de imigrantes estão dispostos a atuar como líderes da comunidade da qual, quase sempre, são egressos. Entretanto, as publicações de historiadores diletantes e os textos acadêmicos têm o comum o fato de afirmar a existência de um dado grupo étnico para a sociedade

⁴ Nova Polônia foi a denominação que recebeu o povoado de Rio do Peixe quando tornou-se distrito de Erechim na década de 1930. Durante a campanha da nacionalização, o local recebeu a denominação atual, Carlos Gomes (STAWINSKI, 1976, p. 142).

envolvente, constituindo, a própria presença de intelectuais étnicos, um indicativo da formação de um extrato de classe média de determinado grupo (GANS, 1996, p.430).

Nesse sentido, é necessário rever a interpretação de Isabel Gritti (2004, p. 60, 69) de que a explicação de Ruy Wachowicz, que associa o preconceito com relação ao polonês no Paraná, que atingiria principalmente as camadas médias urbanizadas, à aceleração da industrialização, urbanização e desenvolvimento do comércio, não se aplicaria ao caso do Rio Grande do Sul, onde os veiculadores de idéias negativas sobre os imigrantes poloneses foram os administradores dos núcleos coloniais. Com base na teoria da etnicidade, o que está sendo sugerido é que, se os rótulos étnicos são sempre resultados de forças externas, que costumam veicular imagens negativas, e forças internas, que propõem imagens positivas (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 147), para se contrapor a imagens construídas por administradores coloniais (personagens urbanos não poloneses, destaque-se) ou outros personagens sociais, é necessário que existam camadas interessadas em imagens positivadas do grupo social ao qual pertencem ou ao qual são associados. Gardolinski (1956, p. 11-12) lamentava que houvesse poucos membros das “classes intelectuais” polonesas entre os imigrantes, formados, em sua maior parte, por pessoas que vinham “em busca de pão, e melhores condições de vida”. O autor também justificou a ausência de publicações para a comunidade emigrada nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre, ao fato de que “a totalidade dos imigrantes letrados ou cultos, naquela época, preferia o Paraná, onde se radicava, de preferência em Curitiba” (GARDOLINSKI, 1956, p. 101).

Em uma análise em perspectiva, observamos alguns fatores que promoveram a extensa produção bibliográfica sobre a imigração alemã e italiana, que serve de contraponto para a avaliação da produção sobre os poloneses. Estudos recentes associam a grande quantidade de obras sobre alemães e italianos a uma historiografia produzida por intelectuais de origem religiosa interessados em manter influência sobre tais comunidades imigrantes das quais eram oriundos (SEIDL, 2007). Mesmo que religiosos poloneses tenham escrito sobre os imigrantes de seu grupo, não estavam vinculados a congregações polono-brasileiras com recursos que permitissem uma produção editorial para um público mais amplo, pelo menos não no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX.⁵ No contexto do Centenário da Imigração Polonesa

⁵ Em Curitiba, a *Projeções*, “Revista de estudos polono-brasileiros” teve sua primeira edição no final da

no Rio Grande do Sul, comemorado no mesmo ano que o Centenário da Imigração Italiana, foi publicada a Coleção Imigração Polonesa, da qual faziam parte as obras de Stavinski (1976) e Gardolinski (1976), pela mesma instituição que promovia os estudos sobre a imigração italiana, a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (EST). Uma recente produção literária tem, justamente, se proposto a dar mais visibilidade à imigração polonesa no Rio Grande do Sul, com a justificativa da autora (Letícia Wierzchowski) de que muito pouco é conhecido deste grupo que corresponde à terceira maior parcela colonizadora do sul do Brasil (WEBER, 2009, p. 38).

O terceiro fator que entendemos que influencie a promoção econômica e o imaginário das (e sobre as) comunidades emigradas é a influência do Estado de origem, como se pode ver pelo caso dos imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul e, nesse sentido, precisamos ver o que ocorria com a representação política de um país com soberania fragilizada.

A instabilidade política da Polônia deixa também instável a representação estatal no estrangeiro. No início da II Guerra Mundial funcionava um consulado polonês em Porto Alegre, ao qual se apresentavam os voluntários para se engajar na guerra a favor dos aliados, mas, nos anos seguintes, seu funcionamento foi intermitente. O governo exilado em Londres era referência para muitos líderes poloneses, que venderam um imóvel da Sociedade Polônia para auxiliá-lo financeiramente (NIEVINSKI FILHO, 2002, p. 90). A contra-face da fidelidade ao governo no exílio era a recusa em reconhecer os agentes consulares que representavam a Polônia sob domínio russo. As entidades polonesas riograndenses, que comemoravam coletivamente festas cívicas, também se manifestaram contra o perfil soviético da nova embaixada da Polônia no Brasil.⁶ Um aspecto secundário da presença consular, mas que tem peso nas camadas médias intelectualizadas, é a possibilidade de promoção dos intelectuais descendentes de imigrantes, através do apoio a publicações e concessão de bolsa de estudos no exterior, tal como se vê no caso dos “italianos” (WEBER, 2004).

década de 1990 e foi impressa na Gráfica Vicentina e Editora, que tem também editado livros sobre a imigração polonesa no Paraná.

⁶ Ver Correio do Povo, Porto Alegre, 6 maio 1951, n. 176, p. 6 e Correio do Povo, Porto Alegre, 22 jul. 1951, n. 239, Noticiário, p. 5.

O último fator a ser analisado como tendo influência nas formulações identitárias dos poloneses, é o peso dos judeus-poloneses, mais propriamente daqueles que se identificam como sendo judeus, vinculando-se a entidades judaicas e contribuindo para a expressão desta coletividade no Rio Grande do Sul.

A fundação de uma associação específica dos judeus poloneses, a Poilisher Farband (denominada Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso a partir do Estado Novo), em 1931 em Porto Alegre, vinculada ao Comitê Central dos judeus poloneses no Rio de Janeiro (EIZIRIK, 1984, p. 57), é uma demonstração inequívoca da presença dos judeus poloneses. Parcela expressiva dos judeus de Erechim, que, em 1934, fundaram a Sociedade Cultural e Beneficente Israelita de Erechim (EIZIRIK, 1984, p. 117), era constituída por poloneses. Mesmo sendo vistos como “poloneses” pela sociedade majoritária, esses judeus dificilmente assumiriam papéis de liderança, que costumam ser atribuídos aos imigrantes bem-sucedidos (NÚÑEZ SEIXAS, 2006, p. 26), do campesinato polonês católico da região. De resto, ao longo das décadas foram se transferindo para a capital do Estado e reforçando o grupo de judeus porto-alegrenses dos quais muitos adquiriram projeção intelectual e cultural, o que influencia na imagem coletiva do grupo.

Em suma, sem negar a existência de preconceitos com relação aos poloneses, sejam em virtude dos problemas da história europeia da Polônia, seja em função da disputa com outros grupos na sociedade de acolhida, está se afirmando que a menor ou maior quantidade de obras sobre os grupos imigrantes deve-se a múltiplos fatores. Este artigo buscou justamente dar alguma visibilidade ao que foi produzido, e ao contexto em foi produzido, sugerindo que a avaliação comparativa com a produção sobre outros grupos étnicos, que parece ter um significado maior dentro do campo de estudos sobre a imigração, pode auxiliar a compreender a evolução das formulações identitárias entre os descendentes dos imigrantes poloneses.

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras [1969]. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

- COSTA, Rovilio. Apresentação. In: STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)*. Porto Alegre: EST/UCS. Caxias do Sul, 1976. p. 7-8.
- FORTES, Alexandre. Nós do Quarto Distrito. *A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Editora da UCS; Porto Alegre: EST, 1984.
- GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER, Klaus (org.) *Enciclopédia Rio-grandense*. v. 5. Canoas: Regional, 1956. p. 1-104.
- GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ESTSLB; Caxias do Sul: UCS, 1976.
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. A emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- NIEVINSKI FILHO. Os poloneses em Porto Alegre. *Projeções*. Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba. ano IV, n. 1. 2002. p. 85-92.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. Modelos de liderazgo em comunidades emigradas. Alguma reflexiones a partir de los españoles en América (1870-1940). In: BERNACONI, A. FRID, C. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 17-41.
- POPOASKI, Bernardete M. *A arte da Emigração Polonesa no Brasil e sua Popularização*. Instituto de Pedagogia, 1999.
- POUTIGNAT, P, STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- PYZIK. Estanislao. *Los Polacos em la Republica Argentina (1812-1900)*. Algunos antecedentes históricos y biográficos. Buenos Aires: Instituto Cultural Argentino-Polaco, 1944.
- SEIDL, Ernesto. “Intérpretes da história e da cultura”: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. *Anos 90*. v. 14, n. 16, p. 77-110, dez. 2007.
- STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)*. Porto Alegre: EST/UCS. Caxias do Sul, 1976.
- WACHOWICZ, Ruy C., MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina, 2000.
- WEBER, Regina. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FÉLIX, Loiva Otero. *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2002. p. 207-215.
- WEBER, R. O avanço dos “italianos”. *História em Revista*. Pelotas.UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. v. 10 (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). dez. 2004. p. 75-94. http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/hr/hr_10/historia_em_revista_10_regina_weber.html
- WEBER, Regina. Romances sobre inmigrantes y afirmación étnica. *Acta Literaria*. Concepción (Chile). n. 38, junio 2009. p. 27-42.

WEBER, R., BOSENBECKER, P. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. *Cadernos do CEOM*. Ano 23, n. 32, jun. 2010. p. 347-369. Disponível em: <http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/77/showToc>

WENCZENOVICZ, Thais Janaina. *Luto e silêncio: doença e morte na área de colonização polonesa no RS (1910-1945)*. PUCRS, 2007. Tese de Doutorado em História.

WENCZENOVICZ, Thais Janaina. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea (1910-1945)*. Passo Fundo: Ediupf, 2002.